

Educar para pensar e agir

Este artigo se inspira nas ideias de dois grandes pensadores: o indiano Jiddu Krishnamurti, que faleceu em 1986, e o polonês Zygmunt Bauman, ainda vivo. Procurei aproximar suas ideias para oferecer mais clareza ao leitor sobre nossos conflitos, alguns erros de interpretação em relação ao progresso e qualquer confusão na maneira como pensamos.

O tema da sustentabilidade nem sempre está sendo tratado pelas lideranças com o devido cuidado, com a necessária reflexão sobre os problemas seculares socioculturais que nos fizeram chegar a um estado ameaçador da vida humana em sociedade.

A pouca reflexão sobre o tema tem levado muitas vezes a um uso puramente comercial e utilitarista da palavra 'sustentabilidade' ou a puro diletantismo, de quem se dedica ao assunto por gosto e não por ofício, ou ainda, de quem se satisfaz com o tratamento superficial do assunto.

Uma gritante incongruência atinge alguns dos que se dizem militantes por um mundo melhor, mas que não percebem os males causados por suas ações. Um exemplo está evidente na necessidade de geração de resultados e mensuração de impactos, que pressupõe alta pressão moral.

Em geral, exige-se cada vez mais dos colaboradores que sejam práticos, inovadores, conduzam a crescimentos significativos e nunca cometam erros, sendo sempre perfeitos. Esse imperativo poderia reduzir as dores e permitir que todos pudessem atender as suas necessidades básicas. Mas não: os rápidos resultados e o lema do crescimento (agora um dilema) servem para aumentar a permanência em nossos empregos, mas, em igual proporção, nos angustiam. Ou seja, são orientados para que deem a poucos empregados a possibilidade de proteção e segurança, mesmo que momentânea ou ilusória. A experiência da insegurança, o perigo de ser descartado a qualquer momento e o medo de ser inadequado, por sua vez, nos fazem perseguir os resultados com agressividade e desumanidade. Tudo para nos proteger da (des)conhecida exclusão.

Certa vez, Krishnamurti foi perguntado por um grupo de jovens por que desperdiçava seu tempo pregando, em vez de ajudar o mundo de um modo prático. Ele respondeu que melhor que indicar um

Felipe Fagundes, 29 anos, administrador, formado pela Faap, trabalhou em empresas do setor financeiro até 2004, quando optou por desenvolver capacidades e usar sua formação para contribuir com organizações do Terceiro Setor. Trabalhou na Ashoka e no Instituto Ethos antes de chegar a Palas Athena, onde hoje é responsável pela área de sustentabilidade. Coautor do livro *Conviver para crer*, fez um curso sobre economia holística no Schumacher College na Inglaterra.



Foto: Banco de Imagens Stock.xcng



modo prático de agir, de viver, de obter um emprego melhor, de criar um mundo melhor, é importante descobrir quais são os obstáculos que estão de fato impedindo a revolução fundamental, não baseada em ideias. Isso porque, segundo ele, os ideais, as crenças, as ideologias, os dogmas impedem a ação. Ele dizia que não poderia haver uma transformação mundial enquanto a ação estivesse baseada em ideias, porque a ação, neste caso, seria meramente reação. E, por esse mesmo motivo, as ideias são, quase sempre, consideradas muito mais importantes do que a ação.

A meu ver, isto já acontece com o tema da sustentabilidade. Para a maioria de nós, o difícil é achar um jeito de agir diferente em meio a tanta contradição de ação e de ideias. Preferimos discutir quais são as melhores práticas, quem faz mais, quem sai na frente, quem está certo. Com isto, somente estamos substituindo uma ideologia por ou-

tra, sem superar a estrutura de competição que nos ameaça. Assim, nos descuidamos e não damos continuidade às ações, prestando mais atenção ao lançamento de uma ideia do que à própria capacidade de seus criadores de praticá-las.

Zygmunt Bauman, ao ser perguntado qual seria sua mensagem aos cidadãos de hoje, sugeriu que tentássemos, apesar de todas as tendências contrárias, reter na consciência e na memória o valor da durabilidade, da constância, do compromisso. Sabemos que estes valores estão diminuindo nas organizações e nas relações por nós vividas diariamente. Nossos projetos de vida estão cada vez mais fluidos, nos deixando inseguros e suscetíveis a mudanças rápidas e imprevisíveis.

No trabalho, pessoas entediadas com funções mecanizadas são capturadas por rotinas ameaçadoras, infelizes e miseráveis, sem conseguir amar, nem mesmo ver sentido no labor. Tentamos escapar



dessa rotina de várias maneiras, mas sobretudo nos entretendo na frente da televisão. "Se está sempre buscando, incessantemente, indo de um livro a outro, de uma filosofia a outra. E o que de fato estamos buscando não é clareza, não é a compreensão do estado real da mente, mas sim buscando caminhos e meios para fugir de nós mesmos" dizia Krishnamurti.

E dizia também que a população estava crescendo com tanta rapidez que as pessoas se perguntavam: o que posso fazer como ser humano vivendo neste caos de sofrimento, violência e estupidez? O que posso fazer? Invariavelmente, a resposta era: receio que possa fazer muito pouco para alterar a estrutura da sociedade. Então a pessoa parava. Mas, para Bauman, "a capacidade de ação é, afinal, a capacidade de modificar o curso dos acontecimentos a partir de novos investimentos nas relações e nos vínculos, entendidos como elementos essenciais na construção de um novo capital social". Não podemos ficar estáticos e delegar nossas responsabilidades individuais para um coletivo impreciso e medíocre.

Mas como? Fala-se muito sobre o autoconhecimento como um caminho, mas ele parece pouco efetivo num mundo que exige o prático e que valoriza as aparências externas. Procuramos nos desenvolver por meio dos livros, da formação acadêmica ou do domínio de mais de um idioma, e nos esquecemos de buscar esse aprendizado no outro, na relação, na interação e também no conflito.

O autoconhecimento pressupõe dor, incerteza, abdicção e tempo. Entretanto, temos por hábito, quando nos deparamos com uma oportunidade incômoda de conflito (e por isso mesmo de autoconhecimento), fugir, ou nos isolar, ou agir com violência. Se prestarmos bem atenção, características nossas serão reveladas na relação com o outro e na emoção. Percebemos que ficamos amedrontados, que podemos ser estúpidos, invejosos, cruéis e violentos.

É preciso, sobretudo, enxergar os motivos (valores) que movem o próprio pensamento, os motivos que impulsionam a própria ação. Será importante tomar consciência de como estes processos agem sobre nós, como a estrutura de nossas mentes opera, como nos sentimos, o que pensamos, quais os motivos, por que fazemos determinadas coisas e evitamos outras. A menos que conheçamos essa dinâmica, podemos nos iludir e causar muitos danos. É o que podemos chamar de 'fissura entre a fala e a ação'.

Bauman, como sugestão para o aprimoramento das relações e melhoria do bem-estar social, propõe uma revolução simples nas cidades globais para aliviar nossos medos e angústias. Ele acredita que estamos nos isolando em feudos cada vez menores nos quais encontramos pessoas com ideias comuns. Estes grupos, cada vez mais intolerantes aos outros, são geradores de muros, escudos e violência. A estratégia para a melhor convivência será a difusão de espaços públicos abertos, convidativos, acolhedores, que todo o tipo de cidadão teria vontade de frequentar com assiduidade e compartilhar voluntariamente e de bom grado.

Para mim, o maior resultado que deveríamos almejar em nossas vidas é conseguir agir com mais serenidade nos conflitos que ocorrem em nosso cotidiano. É poder perceber por que, em determinados momentos, nos sentimos ameaçados; por que aumentamos o tom de voz; por que julgamos. Quando começarmos a compreender a verdadeira raiz e origem psíquica das reações e das emoções, poderemos escolher monitorá-las para agir melhor numa outra oportunidade. Enquanto não nos dermos este tempo, continuaremos atuando como eficientes marionetes repetitivas, celebrando resultados que não contribuem para o desenvolvimento sustentável da nossa sociedade. ■

Referências

- BAUMAN, Zygmunt, em entrevista a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke (<http://www.scielo.br>)
KRISHNAMURTI, Jiddu. *Krishnamurti para principiantes*. São Paulo: Cultrix (Antologia Básica).
BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.